

Festas, arte, memória e história: um estudo das comemorações e da exposição de artes relacionada aos 300 anos das reduções missionárias de São Miguel Arcanjo, São Luiz Gonzaga e São Nicolau, remanescentes arquitetônico dos Trinta Povos guarani jesuíticos.

*LIANE MARIA NAGEL

As Missões Guarani-Jesuíticas dos séculos XVII e XVIII deixaram remanescentes artísticos e arquitetônicos que até hoje originam imagens e discursos. As imagens referenciadas nos Trinta Povos da Região Platina são produzidas atualmente por pintores, escultores, teatrólogos, músicos e um grande número de artistas plásticos constituindo importantes fontes que nos permitem analisar os atuais discursos sobre a história das Missões.

As populações localizadas nas atuais cidades da região missioneira no Rio Grande do Sul comemoram com festas as datas dos aniversários dos antigos povoados missioneiros promovendo exposições de arte que nos dias atuais permitem análises das intenções comemorativas para a valorização do patrimônio histórico regional. Assim pode-se verificar quem eram os artistas, que tipo de obra realizaram e que simbologia trabalharam nas mesmas.

Também se podem estudar os usos públicos da história, as dimensões políticas da memória que possibilitam pesquisas sobre as representações iconográficas. Castillo destaca essas análises como a busca das unidades de ordem simbólica, marcos referenciais da organização sócio cultural que possibilitam obter informações sobre as instituições básicas de determinados grupos sociais ao realizar suas festividades sejam elas de caráter religioso, civil ou patriótico, enquanto são mantidas pela tradição ou legitimadas pela situação oficial na comunidade em que atuam (CASTILHO, 1997: p.93.).

Esse autor afirma também que as festas públicas consideradas como parte de um sistema simbólico institucionalizado fazem parte das culturas atualmente globalizadas e são modelos historicamente transmitidos, com significados expressos em forma simbólica. Estas oportunizam que os membros desses grupos sociais se comuniquem e desenvolvam tipos particulares de conhecimentos que trazem valores implícitos,

* Dra em História pela UFRGS, professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis SC.

princípios e atitudes diante da vida, que podem fortalecer a coesão e a identidade grupal, possibilitando a busca de possíveis equilíbrios aos desajustes provocados por disputas de classes e outros aspectos contraditórios da vida cotidiana (Idem: p.94).

Segundo esse antropólogo

Investigar sobre as festas públicas seria indagar sobre uma parte importante do coração da cultura de um povo. É óbvio que, ao analisar somente os significados simbólicos de um produto cultural, realmente se limita a investigação a respeito do conhecimento do resto das instituições básicas do grupo que gera aquele produto cultural que nos interessa. Nesse sentido, um estudo de um sistema simbólico é só uma leitura de parte da cultura transmitida pelas instituições sociais básicas e não um exame exaustivo das mesmas (CASTILHO, 1997: p. 94).

Assim, ao analisar as atividades propostas por ocasião dos festejos relacionados aos 300 anos das reduções missioneiras de São Miguel de Arcanjo, São Luiz Gonzaga e São Nicolau em 1987, procuramos levantar os diferentes eventos realizados em função das comemorações, quais os objetivos destes na promoção do Projeto Cultural Iochpe junto com a Comissão Trezentos Anos, assim como quem foram os participantes dos mesmos¹.

Diversas atividades envolveram as festividades com o objetivo de valorização do patrimônio histórico das Missões, difundidos em outros subprojetos. Para sua organização reuniram-se professores, artistas plásticos, museólogos, arquitetos, arqueólogos, cineastas, autoridades estaduais e municipais, enfim, as áreas educacional, artística, museológica, arqueológica, turística e política.

Dessa forma, entre 1987 e 1990 estudiosos das mais diferentes áreas do Brasil se reuniram em cidades como Santo Ângelo, São Miguel das Missões e Porto Alegre, participando de Simpósios, Palestras, Congressos e Colóquios pensando questões que envolviam os povoados relacionados às comemorações festivas, o patrimônio, seu estudo, sua divulgação, a museologia, o turismo, a produção escrita, as artes, enfim, os monumentos das Missões.

¹ Essa comissão inicialmente foi organizada de modo informal agregando elementos das áreas de publicidade, administração, jornalismo, arquitetura e outras para pensar o evento. Logo em seguida formou-se uma comissão oficial da qual fizeram parte: Evelyn Berg Yochpe, do projeto Cultural Yochpe como presidente, Arno Alvarez Kern, arqueólogo e professor da PUCRS, Carlos Jorge Appel, (Secretário da Cultura do RS), Gunther Siesgried Schlieper, (Secretaria de Turismo/ RS), Luiz Antonio Volcato Custódio, (arquiteto do SPHAN), Mara Regina Rösler, representando a URI e a comunidade de Santo Ângelo.

Inúmeros trabalhos foram realizados na área da educação, envolvendo a orientação de alunos da escola de São Miguel para atuarem como guias turísticos, a participação de professores na elaboração de material didático para ser distribuídos nas escolas², encontro com professores e museólogos³, do qual surgiu um Núcleo de Ações Didáticas composto por professoras da rede Estadual⁴ sob a orientação de Maria de Lourdes Horta Parreira e Evelina Grumberg do Museu Imperial de Petrópolis.

Todos esses trabalhos estiveram relacionados a uma proposta de educação patrimonial, cujo principal objetivo era envolver educadores, museólogos e a população regional através de estudos e conhecimento pelo contato com os referenciais concretos que ainda existem, assim como a divulgação e valorização da história das Missões, incentivando o respeito e o cuidado em relação ao patrimônio histórico (NAGEL, 1979, p. 277-296).

Além destes, outros importantes eventos ocorreram em São Miguel, tais como: apresentações musicais com recitais de música nativista e concertos de música clássica com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre - OSPA, abertos ao público em geral. Também aconteceram representações de peças teatrais, sessões de vídeos e cinema com filmes enfocando o assunto e tendo como tema as reduções guaraníticas.

Nessa época, outra das atividades desenvolvidas foi a promoção de um concurso de desenhos com o tema Missões, que serviria para a escolha do ilustrador da obra *Missões 300 anos*, envolvendo artistas da região, principalmente de Santo Ângelo. Outra atividade relacionada com as artes desenvolvida por iniciativa da comissão Missões foi uma oficina intitulada *O Rever das Missões*, com o objetivo de oportunizar a realização de painéis em lonas pintadas que deram origem a capas temáticas para os

² Comissão Trezentos Anos et. alli. *MISSÕES, uma história de trezentos anos*. Porto Alegre: CORAG, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 1990.

³ I Encontro de Educadores e Museólogos ocorrido em Junho de 1987 que aconteceu na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI, promovido em trabalho conjunto do SPHAN, Pró-Memória, Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, 14ª Delegacia de Educação de Santo Ângelo e Centro de Cultura Missioneira da URI.

⁴ O grupo liberado pela secretaria de educação de Santo Ângelo foi coordenado pela professora Liane Maria Nagel, e estava composto por outras profissionais da área de História: Elisa Maria Heinzmann, Ezeula Lima de Quadros, Helena Catarina F. Ribas, Ledjane Müller Franke, Marlene Reich Steglich, Sonia T. Ribeiro Silva, Tania Maria Vargas Gatelli. Participaram também como assessores: Maria Bernardete Metz Bechler, da 14ª Delegacia de Educação, Marcos Vinicius de Almeida Saul, do Centro de Cultura Missioneira da URI, Arno Kern pela PUCRS e Bartomeu Meliá pela URI.

catálogos telefônicos da Companhia Rio-grandense de Telecomunicações, a antiga CRT.

Entre os diversos eventos realizados em função das comemorações, na área das artes, o que sem dúvida se constituiu no mais importante, pela qualidade das obras resultantes e pelo envolvimento de alguns dos artistas mais renomados do país convidados a participar, foi o da promoção do Projeto Cultural Iochpe junto com a Comissão Trezentos Anos, que resultou na exposição intitulada *A visão do artista. Arte sobre a arte: a visão contemporânea das Missões*.

As obras no formato de pinturas, fotografias, xilogravuras, vídeos, instalações e outras técnicas embasadas em multimídia constituíram um importante conjunto, cujo catálogo traz o registro das criações realizadas pelos artistas, em linguagens contemporâneas. Estas foram expostas em Brasília, no Foyer Superior da Sala Villa Lobos do Teatro Nacional entre 26/11 a 23/12/87; no Rio de Janeiro, no Parque Lage entre 07/01/ a 24/01/1988; em São Paulo no MASP, entre 08/03 a 03/04/1988 e em Porto Alegre, no Centro Cultural da Universidade do Rio Grande do Sul, entre 02 a 29/05/1988.

Antes da realização das obras um intenso trabalho antecedeu a organização do evento. Preparando-se para a produção das obras os artistas convidados estiveram durante vários dias em São Miguel das Missões observando os remanescentes arquitetônicos e escultóricos. Lá assistiram palestras analisaram vídeos e filmes, a documentação iconográfica e arqueológica, enfim, tomaram contato tanto com a natureza do local como com a história das Missões guarani-jesuíticas.

Conforme depoimento do curador da exposição, Frederico Moraes, os nove artistas reunidos em São Miguel observaram os efeitos da erosão do tempo sobre a igreja e o trabalho de restauração e consolidação do edifício religioso pelos técnicos do SPHAN. Viram as imagens dos santos de madeira policromada esculpidas pelos índios guaranis, hoje patrimônios do museu das Missões. Conversaram com os arqueólogos e restauradores, filmaram e fotografaram, fizeram croquis e tomaram notas de tudo o que consideraram significativo. Discutiram as diferentes versões sobre o significado histórico e cultural das Missões reexaminando suas próprias convicções (MORAIS, 1987: p.8).

Morais afirma que um dos objetivos de tirar o artista de seu atelier e colocá-lo diante do passado, isto é, nos remanescentes arquitetônicos das Missões, era convocá-lo a encarar a história como tema de reflexão. Isto porque pensar o Brasil, em seu modo de ver, não é tarefa exclusiva do sociólogo, historiador, cientista ou político, mas também do artista que pode contribuir para o aprofundamento e alargamento de nossa consciência de nação. Analisando as obras o curador afirma que estas em seu conjunto

...não oferecem uma visão harmoniosa, coerente ou didática das Missões, afinal não é esta a função do artista, que prefere trabalhar o conflito, o paradoxo, o território ambíguo das emoções e dos sentimentos. Nenhum deles abdicou de sua linguagem característica, de sua marca pessoal, tampouco abriu mão da subjetividade. No entanto, é fácil perceber nos trabalhos expostos como foram “conquistados” pelo tema, como se sentiram estimulados intelectual e emocionalmente pela visita que fizeram ao território missioneiro (MORAIS, 1987: p.7).

Ao descrever os trabalhos chamou a atenção para os pontos em que cada um se debruçou, os aspectos realçados, apontando os vídeo-instalações e as fotos cujas imagens destacam os aspectos pungentes da arquitetura missioneira, como síntese da utopia no local desenvolvida, assim como a monumentalidade sóbria da igreja cujas pedras parecem querer falar e contar o que ali se passara.

Morais também chamou a atenção para a fragilidade do índio contra a dureza da pedra empregada na construção da igreja, lembrando que este era um narrador, provavelmente porque sabia da importância da palavra para os guaranis, e desta para a questão das chefias. Para eles a arte da palavra é a arte da vida, pois ela era ritualizada em cantos, celebrações litúrgicas e representações teatrais, sendo o ideal de sua perfeição enquanto homens e mulheres (MELIÁ, 1995: p.31-43).

Utilizando a metodologia proposta por Erwin Panofsky para a análise das obras vamos agrupá-las pelos temas que envolvem, conforme este autor sugere. Nesse sentido, Panofsky chama a atenção para a necessidade de o historiador analisar o significado intrínseco da obra ou grupo de obras que é objeto de seu estudo, procurando, por meio de documentos relacionados, compreender as condições históricas sob as tendências gerais e particulares do espírito humano, que levaram os produtores das mesmas a exprimir temas e conceitos específicos.

Segundo esse autor, isso representa o que pode ser chamado de *sintomas culturais* ou *símbolos*. E só comparando as obras com o maior número possível de outros documentos, testemunhos de tendências políticas, religiosas, filosóficas, poéticas e sociais da personalidade do produtor das obras, é que o historiador terá subsídios para a interpretação do significado de seu objeto (PANOFSKY, 1991: p.51-54).

Desta forma, analisamos as obras percebemos as representações do **espaço/tempo**, ou seja, as que mostram os remanescentes das reduções do ponto de vista físico, sua organização urbanística, suas edificações, detalhes arquitetônicos como arcos, colunas e outros, que evidenciam a ação do tempo sobre o que permanece das antigas edificações. Temos também as representações de alguns **personagens da história** que se desenvolveu naquele espaço reducional durante mais ou menos 150 anos, principalmente **os índios e os jesuítas**. Há ainda, as dos **símbolos religiosos** ligados ao trabalho de evangelização desenvolvido pelos integrantes da Companhia de Jesus junto aos guaranis havendo também outras de caráter não religioso, mas que envolvem símbolos significativos merecendo análise como as demais.

Neste texto vamos analisar apenas as imagens que se referem as questões simbólicas, envolvendo obras dos seguintes artistas: Daniel Senise, Ester Grispum, Jacques Bedel, Maurício Bentes e Moisés Baumstein. Isto não significa que apenas estes participaram. Outros como Cildo Meirelles, Lívio Abramo, Luiz Carlos Felizardo, Rafael França, Rubem Campos e Vera Barcellos também fizeram importantes obras que já foram analisadas em outros momentos.

O primeiro artista a ser apresentado é Daniel Senise, carioca, nascido no Rio de Janeiro, em 1955. Este frequentou a Escola de Artes Visuais, no Parque Lage, participou do Ateliê da Lapa, expôs em várias Bienais São Paulo (1985), Índia, Havana, Cali (Colômbia) e Buenos Aires em 1986. Atuou no “Como vai você geração 80”? No Salão Nacional de Artes Plásticas, no panorama de Arte Atual Brasileira, no Caminhos do Desenho Brasileiro, na Mostra Modernidades, Artes brasileiras do século XX. Expôs no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris em 1987 (MORAIS, 1987: p. 30).

Senise trabalhou com processos orgânicos criando uma nova série de pinturas. A técnica utilizada nessas obras é curiosa, pois usa o que chama de “impressões em madeira”. Esta técnica resultou de um acidente quando trabalhava em seu ateliê e

percebeu que ao derramar tinta no chão, esta causou um efeito interessante. A partir daí passou a desenvolvê-la, cobrindo diferentes assoalhos de madeira com tecidos, jogando cola e tinta por cima para recriar textura. Depois começou a recortar e rearranjar as impressões, decompondo e recompondo os feixes impressos na matéria-prima.



Fig. 1 - *MM*, óleo sobre tela, 2,25 x 1,90 cm, 1987.

Em sua pintura, sobre as Missões, em óleo sobre tela, trabalha na linha do abstracionismo, com alguns elementos figurativos, deixando pistas metafóricas com as figuras que deixa antever. Sobre imagens meio difusas que parecem casas, um X enorme, amarelo, que lembra uma cruz, o símbolo cristão. E em cima do que pode ser a representação de um telhado, duas letras M que provavelmente referem-se às Missões.

Também se pode ver manchas vermelhas, pretas e de outras cores. As vermelhas lembram labaredas que trazem à lembrança a ideia da religiosidade que envolvia a vida nas Missões, bem como do fogo que perpassou por esse espaço por ocasião das lutas detonadas em função do Tratado de Madrid. Os Sete Povos das Missões após a assinatura do Tratado de Madrid em 1750, viveram episódios de lutas entre índios guaranis e tropas espanholas e portuguesas, episódio que passou a ser conhecido como Guerra Guaranítica.

Esta, na verdade não teve as características de guerra, mas de guerrilha, pois os índios não formaram um exército permanente e unido para lutar contra os europeus. Isso causou impacto pois esses locais eram considerados por muitos como sagrados e após os incêndios restaram apenas partes dos prédios, hoje vistos como importantes patrimônios históricos.

Por outro lado, a própria questão do tipo de vida que os índios nas Missões passaram a ter, pode ser lembrada, ou seja, a imposição da religião católica pelos padres. A missa diária, que eram obrigados a assistir, a ida para as lavouras com a procissão, a reza e os cânticos religiosos, enfim, a adoção de outros costumes de trabalho e especialmente o comando exercido pelos religiosos no dia a dia das reduções, que modificaram a cultura guaranítica.

A artista Ester Grinspum, apresentada a seguir, nasceu em Recife, em 1955, formou-se em arquitetura e passou a estudar no Instituto de Artes e Decoração, vindo a

desempenhar trabalhos de desenhista, escultora, gravadora, pintora e ilustradora. A partir de 1981 realizou exposições individuais em desenho e aquarela, na pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 89 participa da 20ª Bienal de São Paulo.

Na década de 1990, recebe várias bolsas de pesquisa da Fundacion Helena Segy, Paris; bolsa de trabalho do European Ceramic Work Center, em s'Hertogenbosch, Holanda; e bolsa de residência na Cité des Arts, Paris. Em 2004, é apresentada uma antologia de sua obra com curadoria de Tadeu Chiarelli. Segundo esse historiador da arte a carreira de Ester Grinspum,

...vem se construindo na busca de uma interioridade que se opõe à clareza e à lógica construtiva que pautaram certos postulados da modernidade. Assim, a artista emprega um vocabulário premeditadamente subjetivo, constituído tanto por ícones de sua própria criação quanto por aqueles da história da arte. (CHIARELLI, 2013)



Fig. 2- *O lugar da ilusão*, lápis e aquarela sobre papel arches, 56 x 76 cm, 1987.

Em seus desenhos Grinspum consegue representar com traços simples e delicados alguns símbolos dos índios guarani. A estes contrapõe grafismos compondo uma imagem que lembra uma espécie de vela de um barco, sobre o que aparentemente seria uma mesa, mas que poderia ser o que ela chama “o lugar da ilusão”, como o título que atribuiu à obra.

Esta artista segundo Arantes faz obras com um grande domínio do métier, proveniente de conhecimento técnico, reflexão ativa sobre os dados da memória e do inconsciente, demonstrando grande familiaridade com o mundo da cultura. Ao mesmo tempo os poucos elementos que utiliza, assim como a limpeza formal das figuras remetem ao estilo minimalista (ARANTES, 1987: p.26).

O minimalismo, conforme sabemos, foi uma tendência que, a partir dos anos sessenta propôs a redução ao mínimo do uso de elementos técnicos e expressivos. Isso pode ser verificado no trabalho de Grispun que com poucos elementos relembra aspectos significativos da cultura guaranítica e ao intitular a obra “*o lugar da ilusão*” já estabelece sua visão crítica.

Quase todos os artistas que trabalharam para esta exposição são brasileiros com exceção de Jacques Bedel arquiteto de Buenos Aires, filho de um poeta e colecionador de artes argentino, artista autodidata que participou de várias exposições individuais e coletivas em seu país e no exterior, tendo recebido vários prêmios tanto em nível nacional quanto em outros locais. Em Paris participou do Grupo de Arte Construtiva e Movimento e em Buenos Aires do grupo dos Treze, do Centro de Arte e Comunicação, destacando-se em termos da arte Latino Americana.

Além de receber medalha de ouro em mostra organizada pela ONU, em Zagreb (Iugoslávia) foi premiado na Bienal de São Paulo em 1977, com a obra coletiva intitulada *Signos em ecossistemas artificiais*, recebendo como parte do grupo Treze, o Grande Prêmio de Honra Itamaraty (WIKIPÉDIA, 2013).

Convidado a participar da exposição sobre as Missões como representante dos artistas argentinos, Bedel apresentou um livro-escultura que, na visão de Jorge Glusberg⁵, professor e escritor, nos fala de imagens arcaicas ligadas aos mitos e lendas das cidades do Prata, resgatando não só uma nação latino americana (a Argentina), mas o continente inteiro. Isto como se fosse um livro de sua história pessoal, que adquire um novo sentido.



Fig. 3 - *El poder y la gloria*, livro-escultura carbono eletrolítico, 40 x 85 x 81cm(fechado), 40x85x81cm (aberto), 1987.

Analisando a obra podemos ver que o livro nela representado, de um lado parece ter uma cruz que ficou demarcada em baixo relevo e no outro a cruz em alto relevo é cortada por um facão, representando como o título indica o poder e a glória da igreja católica no processo colonizatório, para decidir sobre a vida das populações indígenas que ali viviam.

Desta forma, Bedel parece querer gravar o registro da experiência missioneira como algo terrível. Esse artista trabalha com formas bem críticas da história missioneira e conforme Morais surpreende pelo conteúdo que lembra resíduos arqueológicos, ruínas, restos, arcaísmos que se referem ao poder e a glória presente nas Missões (MORAIS, 1987: p.16).

⁵ Glusberg, Jorge. Citação do catálogo *A visão do Artista*, p. 16.

A próxima obra é de Maurício Bentes carioca formado em Economia, mas que se decidiu pela carreira artística. Frequentou a Escola de Artes Visuais e a Oficina de esculturas do Ingá, em Niterói, sob a orientação de Celeida Tostes e Haroldo Barroso. Realizou exposições individuais entre 1982 e 1997 em museus do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Niterói e na mesma época, estendendo até 2002 em exposições coletivas.

Bentes trabalhou com cerâmica, passando depois para o ferro, vindo a pesquisar novos materiais o que se torna uma das principais características suas como artista. Utilizando fluorescente passou a criar trabalhos que ultrapassam os limites da escultura

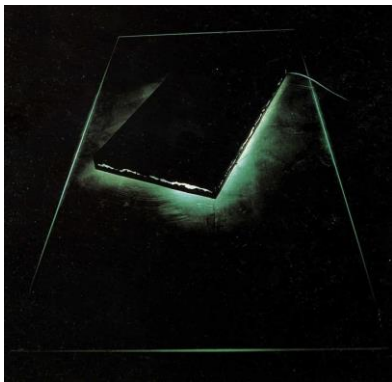


Fig.4- *Sem título*, ferro galvanizado e lâmpada fluorescente, 120x240 cm, 1987.

e que envolvem outros sentidos além da visão. Trabalha investigando natureza e tecnologia, destacando aspectos geométricos que acabam trazendo aspectos de um classicismo para sua obra (GOMES, In: Moraes, p. 18).

Em seu trabalho apresenta a imagem de um livro cuja iluminação parece querer ultrapassar os limites permitidos, pois mesmo fechado, mostra seu brilho. O livro deveria narrar a história que se desenrolou nesse território americano, quando os índios ocupavam os

Trinta povos e neles cada um vivia seu cotidiano sob a orientação jesuítica que terminou de forma trágica.

Fechado, porém com um brilho que ultrapassa o limite de suas folhas, parece também querer mostrar que apesar do poder e da glória da história decorrida nas Missões esta se também se fechou. Por outro lado, o negro que envolve o livro, destaca o pensamento de todas aquelas questões que tem um olhar crítico sobre esse fato histórico.

As discussões são muito grandes a respeito do que teria acontecido com os índios sem as Missões. O próprio tipo de trabalho desenvolvido pelos padres e a cooptação por eles realizada sobre as chefias para conseguirem em dois religiosos comandarem uma população de dois, quatro ou seis mil índios também tem suas críticas.

Há ainda os que destacam a área educacional com a formação de corais musicais, o ensino da arte das esculturas, até estudos de astronomia, assim como impressões de

livros com os sermões, gramáticas e vocabulários, através da imprensa surgida oitenta anos antes que em Buenos Aires, capital da governação à qual as Missões estavam submetidas. (FURLONG, 1962, p. p.567)



Fig. 5- *Missões*, do ponto de vista guarani, tríptico holográfico, 1987

Já Moisés Baumstein matemático e físico paulista sob a orientação artística do espanhol Juan Ponç entre 1957 e 1959 passou a atuar como pintor, desenhista e gravador, pesquisando na década de 80 o cinema holográfico. Na exposição apresenta imagens holográficas nas quais transforma a luz pura em imagens tridimensionais criando um ilusionismo que compara com a utopia missioneira em terras da América (MORAIS, 1987: p.8-14).

Essa ideia da utopia que envolveu a história das Missões está ligada a inúmeras questões interpretativas a respeito deste episódio histórico. Também parece relacionada a tantas questões discutidas por filósofos, historiadores, sociólogos, enfim a todo o tipo de pensadores que escreveram sobre as possibilidades de modelos que poderiam ter inspirado o trabalho jesuítico na região América Platina.

Muitos estudiosos analisaram os “modelos utópicos” que os jesuítas teriam seguido nas Missões. Em capítulo específico sobre as interpretações ideológicas feitas sobre esse episódio Bartomeu Meliá e Liane Maria Nagel tratam essas questões listando os principais pensadores e suas obras bem como dando destaque aos mais importantes (MELIÁ e NAGEL, 1995: p. 61-73).

Entre os utopistas alguns consideraram as Missões como modelo de “cristianismo feliz”, “triunfo da humanidade”, “república platônica”, “cidade de Deus-cidade do sol”, “república comunista cristã”, “socialismo perfeito” e outras. Estas interpretações obviamente estiveram ligadas ao pensamento de filósofos e pensadores como Platão, Thomas More, Campanella, Fénelon, Sidney e outros estudiosos de diferentes períodos históricos (Idem, p. 62).

Boa parte desta ideologia se refere a uma concepção do Estado Colonial bem como ao papel desempenhado pelos jesuítas na sociedade da época. Teriam sido as Reduções um estado dentro de outro estado ou formaram um estado cristão dentro do

estado colonial? O mundo das Missões originou uma república mais civilizada e urbanizada que a sociedade colonial da época? A produção econômica continha características de comunismo ou socialismo?

É por isso que as imagens colocadas pelo artista na obra giram em torno de símbolos que envolvem as figuras dos jesuítas, a da cruz de Lorena ou de Caravaca com sua haste dupla⁶ e as próprias esculturas feitas pelos índios sobre a orientação jesuítica no período das reduções e que até hoje são emblemáticas.

Sobre esta questão poderíamos nos alongar discutindo questões levantadas por autores polêmicos como Clóvis Lugon, com sua obra *A República comunista crista dos Guaranis 1610-1768* publicada pela primeira vez na França em 1949 e Décio Freitas com *O socialismo missioneiro*, publicado no Brasil em 1982. Ambos partem da concepção de que várias questões justificam suas análises. Entre estas as do trabalho coletivo dos índios e o próprio sistema de propriedades justificariam essas interpretações.

Outro historiador que analisa profundamente a questão é Arno Alvarez Kern com as obras: *Missões uma utopia política* de 1982 e *Utopias e Missões Jesuíticas de 1994*. Nas duas obras e em inúmeras outras publicações esse historiador apresenta uma visão histórica, isto é, de que as condições da época levaram os jesuítas a buscar uma sociedade mais perfeita segundo as aspirações europeias e guaranícas.

Eles tiveram de adaptar os índios horticultores neolíticos a nova sociedade capitalista que se estruturava na América colonial, pois como as normas de produção dos brancos não eram aceitas pelos guaranis, isso fez com que os jesuítas criassem formas especiais de trabalho coletivo. Isso incluía rituais religiosos como as procissões em que os índios iam cantando para o trabalho da lavoura.

Todos esses aspectos geraram um processo de transculturação em que ocorreram adaptações mútuas entre as duas culturas que convivem e originam uma nova realidade,

⁶ Inúmeros estudiosos publicaram obras sobre este símbolo, podendo ser citados como exemplo: LORÉDO, Wanda Martins. *Iconografia religiosa. Dicionário rático de identificação*. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002, p. 376-373. ANCARA, Pércio. In site WWW.eon.com.br acessado em 20/01/2003. SUSNIK, Branislava. *El rol de los indígenas en la formación y en la vivienda del Paraguay* (tomo I), Asunción: Instituto Paraguayo de Estudios Nacionales. IPEN, 1982, p. 162. OLIVEIRA, Lizete Dias de. *Iconografia Missioneira – um estudo das imagens das reduções jesuítico-guarani*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação da PUCRS. Porto Alegre/RS, 1993, p. 80.

a vida nas Missões, que não é nem puramente modelo europeu e nem guaraníco, mas uma mistura dos dois.

Após termos analisado as obras individualmente, poderíamos nos perguntar sobre os conjuntos de significados que lhes podem ser atribuídos, em virtude de terem sido feitas para comemorar os aniversários das três reduções. Jaime Almeida especialista neste tipo de estudos afirma que as comemorações se apresentam como objetos muito especiais de *e* para a reflexão historiográfica, oportunizando eventos acadêmicos, estabelecimento de datas cívicas, produção literária, artística, teatral, cinematográfica e outras (ALMEIDA, 2006, p.1).

Continuando sua análise, no mesmo texto ele diz que geralmente as problemáticas levantadas nas relações entre festa e memória dizem respeito à formação da consciência nacional e do culto aos heróis (Idem, p. 2). Nesse sentido se podem perceber nas obras aqui analisadas questões um pouco diferenciadas, pois a maior parte dos artistas demonstrou ter um espírito bastante crítico. As visões por eles apresentadas, como já foi dito, não são só de harmonia, mas destacam os conflitos acontecidos nesse espaço, apesar do clima de religiosidade o qual não se pode deixar de evidenciar.

Os jesuítas são muito admirados por pessoas que consideram seu trabalho excepcional. Estas se perguntam: como dois padres apenas conseguiam manter dois, três, quatro ou seis mil índios reunidos no cotidiano de uma redução? Outros consideram um tipo de escravidão a imposição da cultura europeia sobre os guaranis. Índios como Sepé Tiarajú nascido em São Miguel e que lutou na Guerra guaraníca também são considerados heróis e seu nome está presente em todo o Rio Grande do Sul.

Cruzes, livros, um facão, luzes, santos, formas gráficas que referem a cultura indígena são mostradas nas obras. Registram eloquentemente as dores, os sofrimentos, as rezas, as lutas pela terra. Apontam também para as disputas que envolveram índios e padres, portugueses e espanhóis. Mas, apesar de todo o sofrimento representado, as obras são de uma beleza muito grande, pois envolvem a estética presente no olhar de cada artista.

O valor das mesmas está para alguns na beleza e nos sentimentos, representados em diferentes formas, cores, técnicas e materiais. Para outros está presente na criatividade, na comunicação de algo que é mostrado simbolicamente, transmitindo

fatos, registrando aspectos de nossa história, levantando críticas e resguardando nossa memória.

Mas, indubitavelmente acima de tudo a memória da história das Missões enquanto fato histórico construído social e individualmente traz uma ligação muito estreita com o sentimento de identidade. Ela está presente na chamada identidade missioneira que as pessoas daquela região assumem ao falarem na própria vida e na história regional. *Esta terra tem dono*, frase atribuída ao herói Sepé Tiarajú é recitada em falas e em músicas, tanto pelos sem Terra como pelos latifundiários, cada um usando-a para defender seus interesses próprios.

Nomes dos santos como São Miguel, São Luiz, São Lourenço, São Nicolau, São João, Santo Ângelo e outros nomeiam cidades, vilas, povoados, escolas, estabelecimentos comerciais e ruas em toda a chamada região missioneira. A história regional é ressaltada em estudos junto aos alunos das escolas públicas e particulares.

Atualmente, no Estado do rio Grande do Sul, imagens das Missões são utilizadas não só para estudos históricos, como para realizar trabalhos na mídia divulgando imagens do patrimônio regional. A análise dessas imagens também possibilitam novas interpretações sobre esses fatos históricos que ainda hoje fazem parte da memória e da identidade não só dos gaúchos como de todo o povo brasileiro e latino americano, com suas ligações europeias.

São essas imagens, com fotografias ou com obras artísticas que nos fazem sentir emoções sobre tudo o que se passou em vários momentos históricos e que se reflete até hoje. Elas revelam aspectos que algumas pessoas ainda não haviam pensado, fazendo ver diferentes versões de um mesmo fato, com a beleza das formas, com a riqueza dos detalhes, com os símbolos que significam mensagens, com as críticas que acirram reflexões.

Por isso não só nos momentos comemorativos, mas também em qualquer momento a arte é importante, pois registra em múltiplas formas e cores inúmeros significados que retratam nossa história, lembrando acontecimentos que não devem ser esquecidos, mas retomados e revisitados constantemente. Assim, pode-se afirmar que as exposições realizadas em diversas cidades permitiram que inúmeros cidadãos

comemorassem os trezentos anos da fundação de três das trinta reduções que representam o conjunto dos povos guarani jesuíticos.

Até hoje os remanescentes das Missões da América recebem turistas de várias regiões do mundo, assim como estudiosos de várias áreas desenvolvem pesquisas analisando e interpretando fatos ligados a elas, buscando novas interpretações e o conhecimento dessa história que é uma das raízes da cultura sul americana, herança comum de um mesmo passado e elo de integração cultural no presente.

Porém, não podemos esquecer que para as análises na área das artes um desafio se impõe: pensar teoricamente as obras de nossos artistas, pois eles produzem imagens sobre as quais as vezes nos faltam teorias analíticas o que nos faz ir em busca destes referenciais em autores europeus, gerando a necessidade de maior formação na área educacional.

Bibliografia

- ANCARA, Pércio. In site WWW.eon.com.br acessado em 20/01/2003.
- ALMEIDA, Jaime. O segundo centenário da Independência na América Latina um desafio historiográfico. In: *Anais do VII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Campinas 2006. In: anphlac.org/periódicos/anais/encontro7jaime_de_almeida.pdf. Acessado em 24/01/11,
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori, In: *Catálogo Missões 300 Anos: A Visão do Artista*, Porto Alegre: Projeto Cultural Iochpe, 1987.
- CASTILLO, Manuel Jiménez. La festividad Religiosa Pública em Alvarado, Veracruz. Una propuesta de investigación etnológica. In: BESSONE, Tânia Maria e QUEIROZ, Tereza Alina P. (orgs) *América Latina: Imagem, Imaginação e Imaginário*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 93.
- CHIARELLI, Tadeu. Comentários Críticos In: http://www.itaucultural.org.br/Enciclo-pédia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1683&cd_idioma=28555&cd_item=1 acessado em 16/12/2013, as 23h.
- Comissão Trezentos Anos ET alii. *MISSÕES, uma história de trezentos anos*. Porto Alegre: CORAG Fundação Maurício Sirotzky Sobrinho, 1990.
- FURLONG, Guilherme. S. J. *Misiones e sus pueblos guaraníes*. Buenos Aires: Imprenta Balmes. 1962.
- IOCHPE, Evelyn Berg. *Catálogo Missões 300 Anos: A Visão do Artista*, Porto Alegre: Projeto Cultural Iochpe, 1987.
- FARTHING, Stephen. *Tudo sobre arte. Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Senise, acessado em 16/12/2013, as 15h.
- <http://www.verachaves.com/acessado> em 10/12/2013.
- http://en.wikipedia.org/wiki/Cildo_Meireles acessado em 16/12/2013.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Bedel, acessado em 10/12/2013, as 22.30h.
- <http://www.escriitoriodearte.com/artista/mauricio-bentes/acessadoem16/12/2013>, às 11h.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Bedel acessado em 10/12/2013, as 22.30h.
- LORÊDO, Wanda Martins. *Iconografia religiosa. Dicionário rático de identificação*. Rio de Janeiro: Pluri Edições, 2002, p. 376-373.
- MARSHALL, Francisco. Repensando o sagrado. In: *Adverso – Jornal da ADUFRGS* (nº 22), 1997.
- Missões 300 anos. *A visão do artista. Arte sobre arte: a visão contemporânea das Missões*. Porto Alegre: Projeto cultural Iochpe, 1987.
- Missões 300 anos. *A visão do artista. Arte sobre arte; A visão contemporânea das Missões*. Catálogo das exposições realizadas em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, 1987/1988.

MELIÁ, Bartomeu e NAGEL, Liane. *Guaranies y Jesuítas em tiempo de las Misiones- Una Bibliografía Didáctica*. Santo Ângelo: URI, Paraguai: CEPAG, 1995.

MORAIS, Frederico. A história como tema. In: *Missões 300 anos. A visão do artista. Arte sobre arte: a visão contemporânea das Missões Porto Alegre: Projeto cultural Iochpe, 1987.*

NAGEL, Liane Maria. Educação patrimonial nas Missões Guarani Jesuíticas do Rio Grande do sul: vivências, práticas e fundamentos teóricos. In: *Ciências e Letras, Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras. Educação e Patrimônio Histórico-Cultural*. Nº 27, jan/jun., Porto Alegre: Faculdade Porto Alegrense, 1979, p. 277-296.

_____. *As Missões Guarani-jesuíticas no imaginário e nas representações das Artes Visuais. Rio Grande do Sul, segunda metade do século XX*. (tese doutorado), Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/PPGH, 2003.

_____. A história das Missões e a identidade missioneira em Santo Ângelo. In; PIPPI, Gladis Maria e MÜLLER, Nelsi. (orgs) *300 anos da redução de Santo Ângelo Custódio*. Santo Ângelo Ediuri, 2007. P. 101-116.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. *Iconografia Missioneira – um estudo das imagens das reduções jesuítico guarani*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação da PUCRS. Porto Alegre/RS, 1993, p. 80.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p.51-54.

SUSNIK, Branislava. *El rol de los indígenas en la formación y em la vivienda del Paraguay* (tomo I), Asunción: Instituto Paraguayo de Estudios Nacionales. IPEN, 1982, p. 162.

VASQUEZ, Pedro. Biografia de Luiz Carlos Felizardo. In: <http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/infoto/biografia-de-luiz-carlosfelizardo/acessadoem13/12/2013>, as 10.30h.